



# LIGAR PONTOS LUMINOSOS NO CÉU

Processos de  
fabulação e saudade  
na obra de quatro jovens  
artistas de Fortaleza

Melissa Gurgel  
Iago Barreto  
Mel Andrade  
Adriel Marinho

# LIGAR PONTOS LUMINOSOS NO CÉU

Processos de  
**fabulação e saudade**  
na obra de quatro jovens  
artistas de Fortaleza

Melissa Gurgel · Iago Barreto · Mel Andrade · Adriel Marinho

Realização:  
Casa Absurda

Produção:  
Cia Prisma de Artes  
& Pavilhão da Magnolia

Curadoria:  
Raisa Christina

Design & Projeto gráfico:  
Bianca Ziegler

Proposição:  
Jota Junior Santos

Fortaleza - CE  
20 de janeiro a 20 fevereiro 2021

# LIGAR PONTOS LUMINOSOS NO CÉU

Processos de  
**fabulação e saudade**  
na obra de quatro jovens  
artistas de Fortaleza

GALERIA  
ABSURDA

Desde a abertura da Casa Absurda - espaço cultural da cidade de Fortaleza, sede dos grupos de teatro Cia Prisma de Artes e Pavilhão da Magnólia -, impulsionamos o desejo de partilhar o território com outros artistas e outras linguagens. Assim lançamos mão de uma sala de recepção com quadros nas paredes para transformar em galeria de arte. Essa não se limitaria a obras bidimensionais sobre telas e papéis, mas acolheria a diversidade poética, abrigando intervenções que tomassem todo o espaço do chão, corredor, teto etc..

Uma casa que abriga diversas linguagens artísticas, cria pontes, vias e caminhos, com seus integrantes, com o público e com a cidade. Contudo, com menos de dois anos de existência, fomos surpreendidos pela pandemia do Covid-19, que nos obrigou a fechar a casa. Em enfrentamento à complexidade de estar vivo (que agora se agrava diante de um vírus desconhecido), continuar criando, fomentando e produzindo arte torna-se um ato de resistência. Com as ferramentas que tínhamos, fomos Tateando pontes, recolocando o piso para quem acabou de perder o chão. O desejo se fazia potência, dessa vez para atravessar o tempo. Um tempo absurdo...

A noção de absurdo, que dá nome à casa e seus cômodos, veio da definição para a produção teatral da década de 50, surgidas no pós-segunda guerra mundial. Neste momento, é adequada

mas insuficiente, pois se a mesma deu conta da subversão da lógica e da atmosfera onírica daqueles trabalhos, hoje é incapaz de abarcar a intensidade com que acontecimentos perspécticos e simbólicos se dão em meio à distopia, ao pós-golpe. Por isso insurgir - AGIR, pode parecer absurdo neste tempo, neste mundo, que pode piorar... e é preciso aprender a viver melhor num mundo pior, como bem diz Eduardo Viveiros de Castro.

A Galeria Absurda Virtual, que esteve nas redes sociais de maio a outubro de 2020 e a convocatória para 2021, submetida como projeto ao edital público à Lei Aldir Blanc, via Secretaria da Cultura do Município, é nossa ação no mundo. É nosso intuito continuar criando juntos, construindo pontes, ligando pontos luminosos no céu, fabulando futuros. Sobre re-APRENDER: seguimos em prática com o coletivo, dando força à construção em grupo. Essa é a nossa intervenção - ser grupo, companhia, coletivo, bando, somando e multiplicando com tantos outros que por aqui chegam, com ares de provocação, mobilizando sensibilidades, reflexões e ações, refazendo continuamente perguntas na direção do desconhecido, refletindo nosso tempo no convívio, em comunidade.

Jota Júnior Santos  
ator, produtor e integrante do Grupo Pavilhão da Magnólia

Neste início de 2021, ainda não sabemos bem como proceder em meio à pandemia, essa palavra que tanto tem saltado de nossas bocas. À espera de um programa de vacinação efetivo e um plano de governo social e democrático, reunimos forças para seguir criando. Esta exposição virtual é o modo que a Galeria Absurda encontrou para continuar existindo. A partir de convocatória aberta, com financiamento advindo de recursos da Lei Aldir Blanc por meio da Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza, selecionamos quatro jovens artistas da cidade cujas obras nos apresentam possibilidades vibrantes de estar no mundo, apesar de certa solidão, da insegurança e estranheza dos dias atuais.

Podemos imaginar um passeio durante o qual nos deixamos guiar pelo outro.

Iago Barreto é quem primeiro nos toma forte pela mão e nos transporta. Além de artista, ele é educador e há anos colabora com o Museu Tremembé. Sua pesquisa em arte foi se dando no envolvimento com as culturas indígenas. Com ele, a fotografia extrapola o documento do real e parte para a alucinação, as camadas mais sutis onde não tememos o invisível. Iago intervém nas fotos que produz, alterando cores, texturas, contrastes, recortando, colando, desenhando sobre elas. Neste percurso, vamos juntos nos distanciando da zona

urbana e por isso o céu se mostra tão estrelado. Olhos e ouvidos provam outra duração. A noite abre no corpo constelações, afetos, encantamentos que há muito deixamos emudecer junto à criança e ao bicho dentro de nós.

Pausa para a miragem no breu.

Melissa Gurgel agora nos impulsiona até a superfície. Ela nos convida a seguir viagem. Da janela do carro, as folhas de carnaúba acenam para nós, emblemáticas de uma terra que marca a transição do sertão para o mar. Mais tarde a luz do sol se derrama sobre o espelho d'água numa paisagem serrana, a sombra de um corpo feminino se projeta na cortina, caminhantes solitários atravessam uma praia, uma alameda. Melissa hoje vive entre Porto e Lisboa, e tece com Fortaleza um sentimento atlântico de saudade. Assim, doloridos de tempo e desejo, na companhia dos meninos cujas sombras se alongam na areia, vislumbramos a Ponte Metálica, cartão-postal da capital do Sol, a tremeluzir no horizonte.

Mergulhamos no mar.

Adriel Marinho chega em silêncio e nos propõe o exercício de namorar lentamente as dunas, as sequências de ondas, o verde impreciso das águas salgadas, dos seus olhos. É bonito observá-lo pintar o litoral com a seriedade de um homem muito antigo,

como se trouxesse consigo a tradição de mestres cearenses à beira-mar: Vicente Leite, Raimundo Cela. Fortaleza também é vista da varanda, apontando para o Edifício São Pedro, um amuleto em ruínas. Tal visão nos proporciona o recorte cinza mais precioso dentre suas imagens urbanas - impactante pela solidez das construções sob uma frágil lua minguante. Até o rosto é pintado por Adriel como paisagem. Há que se demorar nele, para o olho percorrer todas as planícies, os montes, os terrenos de vegetação rasteira, os solos abrasados, as areias movediças, os poços.

O espelho nos confunde.

Mel Andrade dá voltas ao nosso redor antes de nos conduzir. Ela traz uma série de desenhos de personagens femininas que criou quando criança e tenta dar corpo a essas mulheres, pensando em como estariam hoje, se fossem de carne e osso. Lembranças picotadas da infância: um beijo, um aniversário, um incêndio. Mais tarde, inspirada em Kafka e Marina Abramovic, ela nos leva a imaginar a exaustão e o esgotamento no espaço confinado, na espera, no jejum. Num lapso, a ação nos remete a Tehching Hsieh, que ainda espanta ao pensarmos na total entrega para a realização de suas performances. Desenhando e intervindo manualmente sobre fotografias da família, Mel toca nas memórias da casa, que se confundem com o hábito,

as feridas e a vocação infantil para produção de imaginário.

Estas linhas findam por aqui, mas o passeio não tem começo nem fim. Como diz Wislawa Szymborska, no poema intitulado Amor à primeira vista: “o livro dos eventos está sempre aberto no meio.” Teimamos em ligar pontos luminosos no céu.

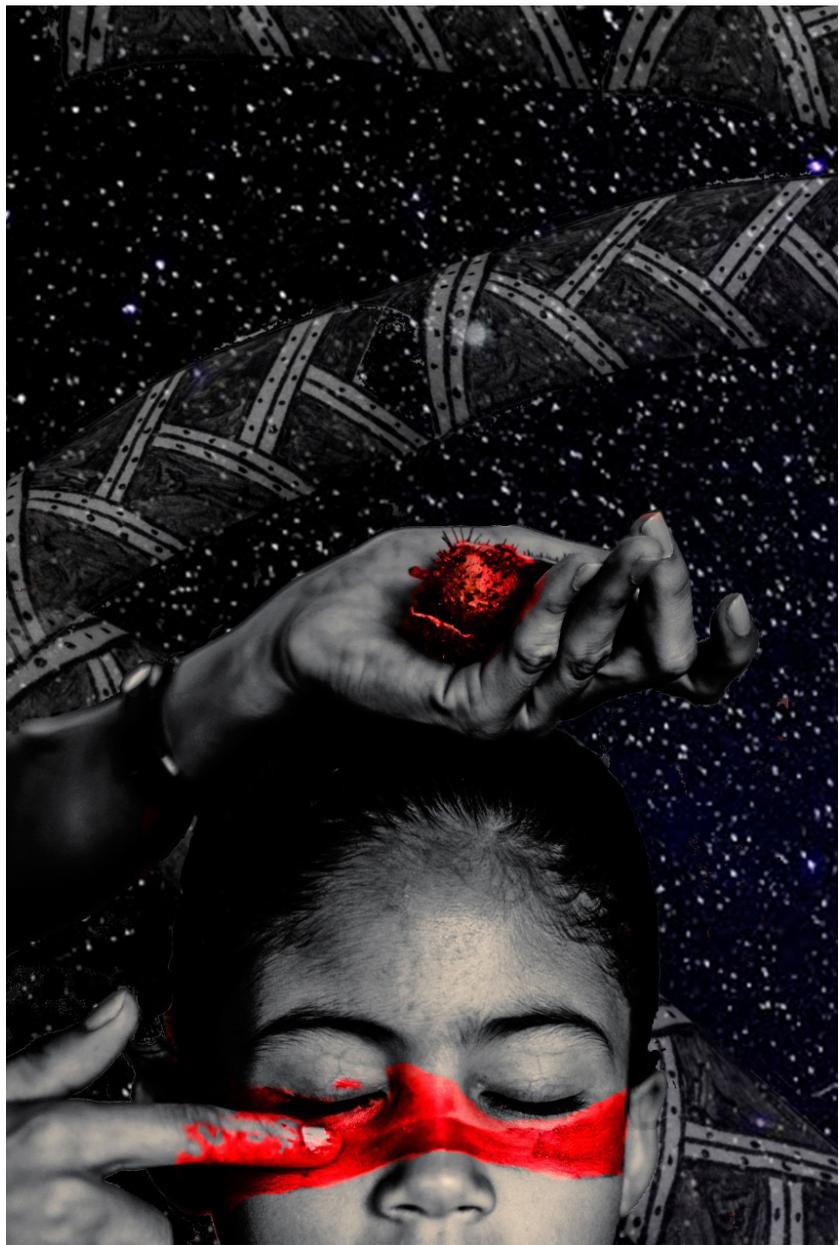
Raisa Christina

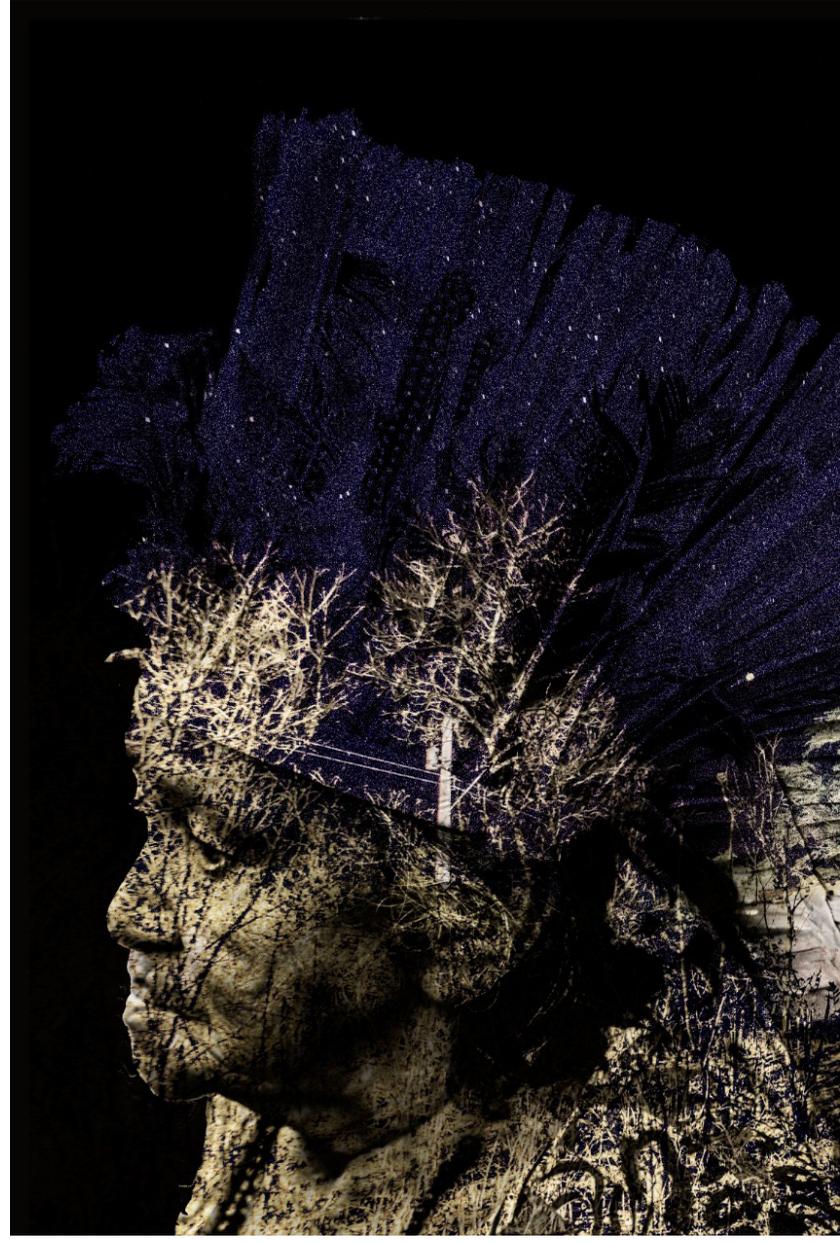
Iago Barreto



Série "Tundá, universos de jenipapo e urucum", 2020  
Fotografia, desenho e colagem digital



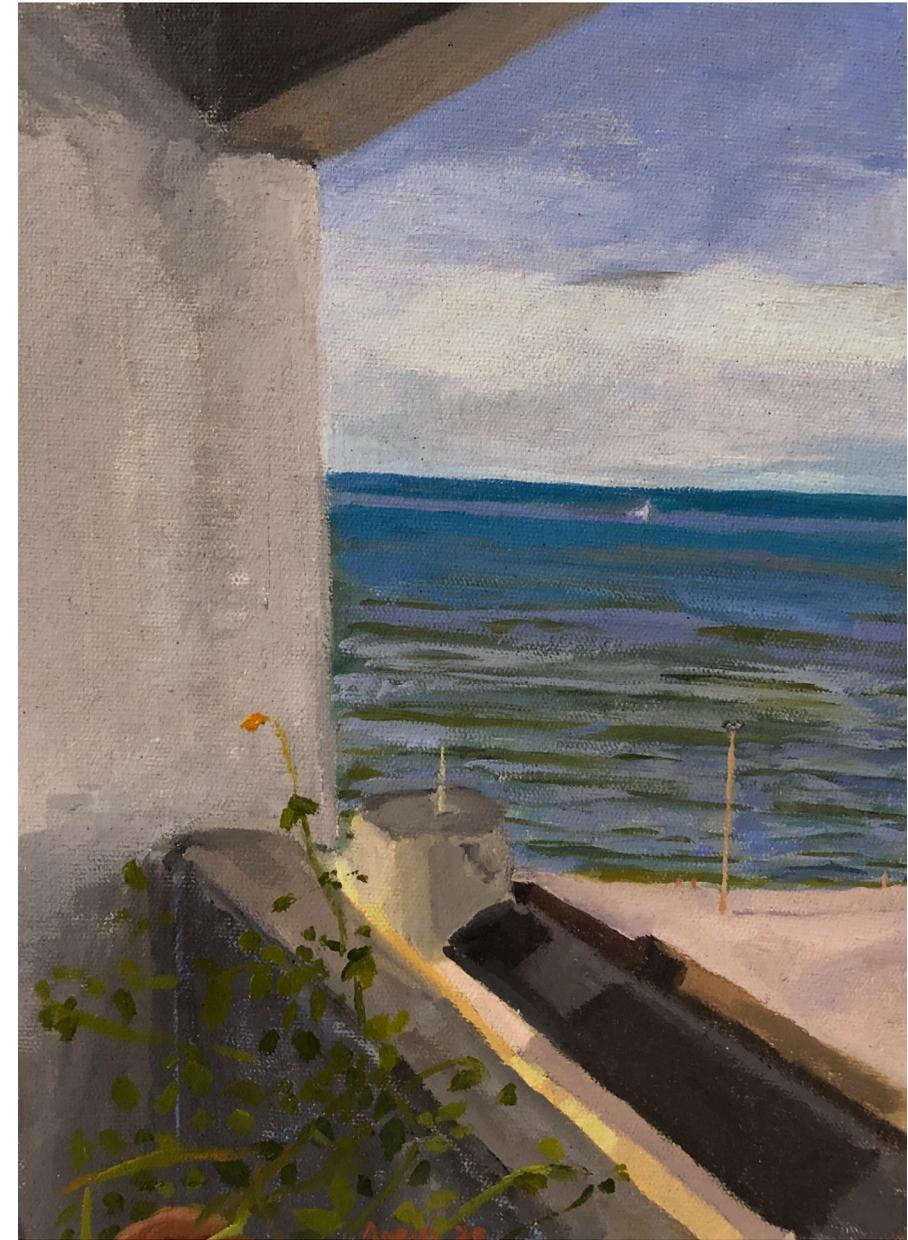








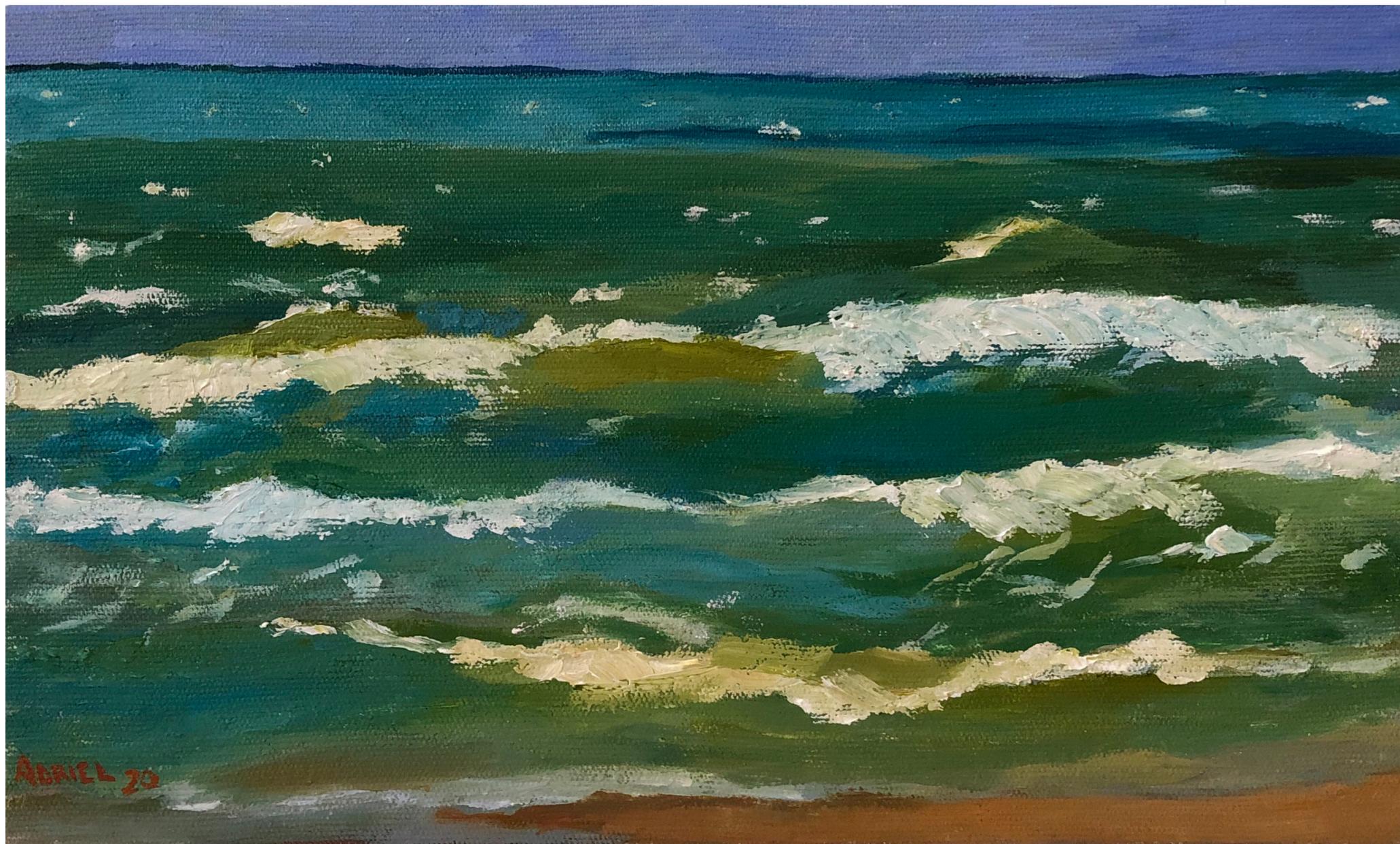
Adriel Marinho



*Varanda do 7º andar  
(Praia de Iracema), 2020  
Óleo sobre tela*



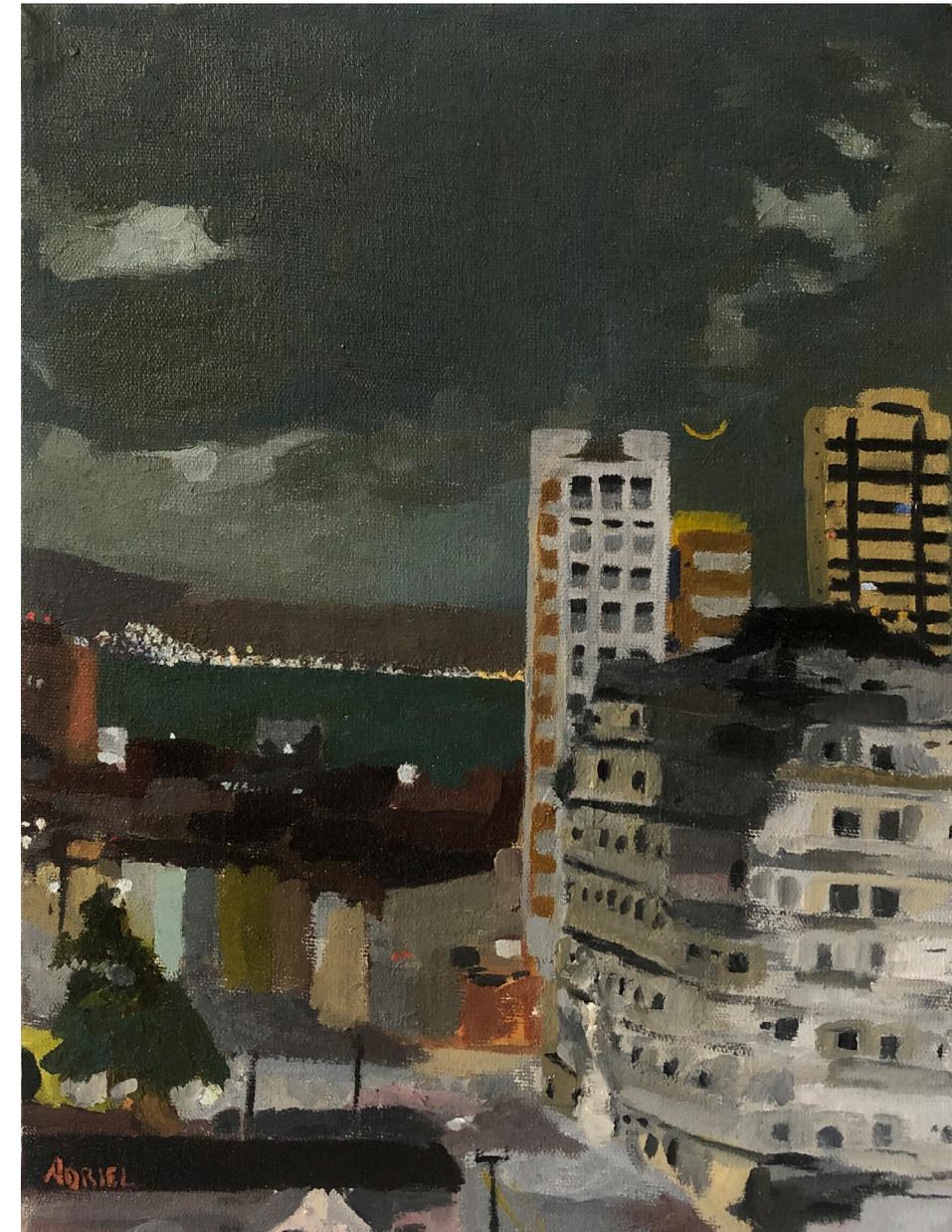
Nas dunas, 2020  
Óleo sobre tela



Mar agitado, 2020  
Óleo sobre tela



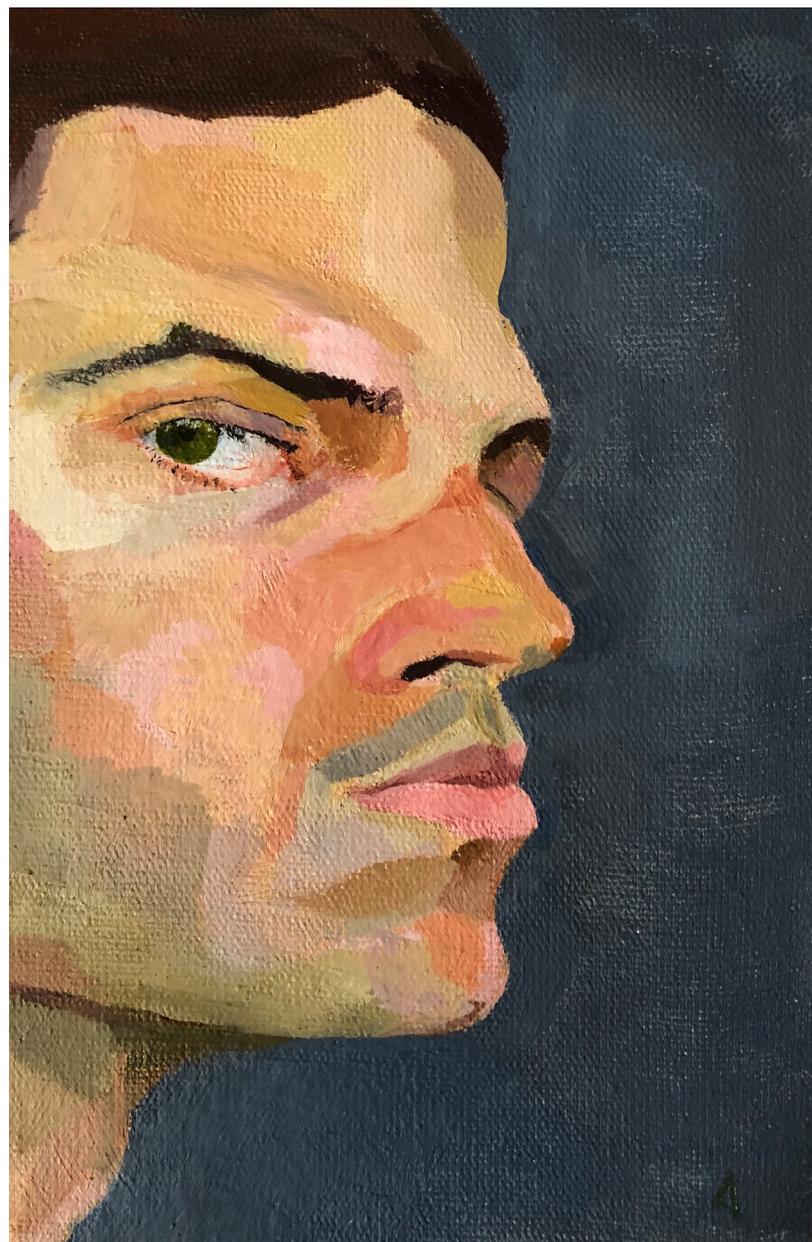
Ondas esverdeando, 2020  
Óleo sobre tela



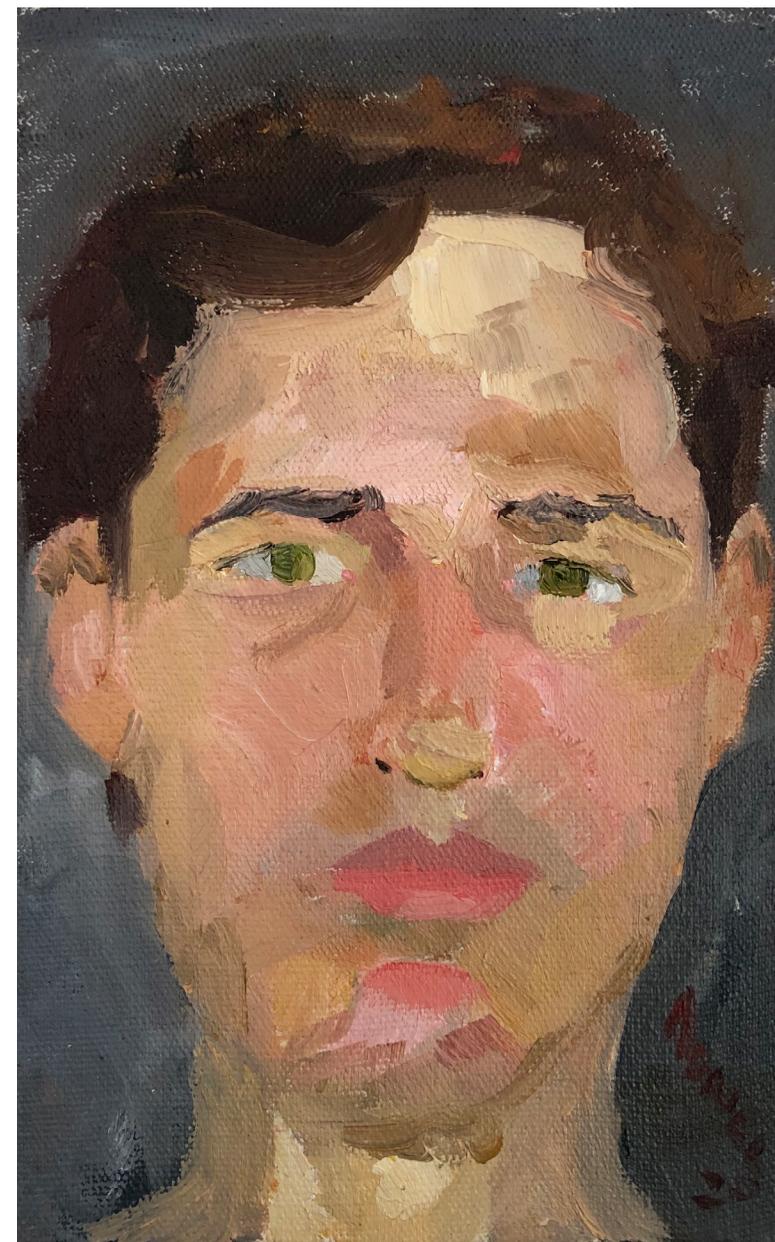
*Praia de Iracema à noite, 2020*  
Óleo sobre tela



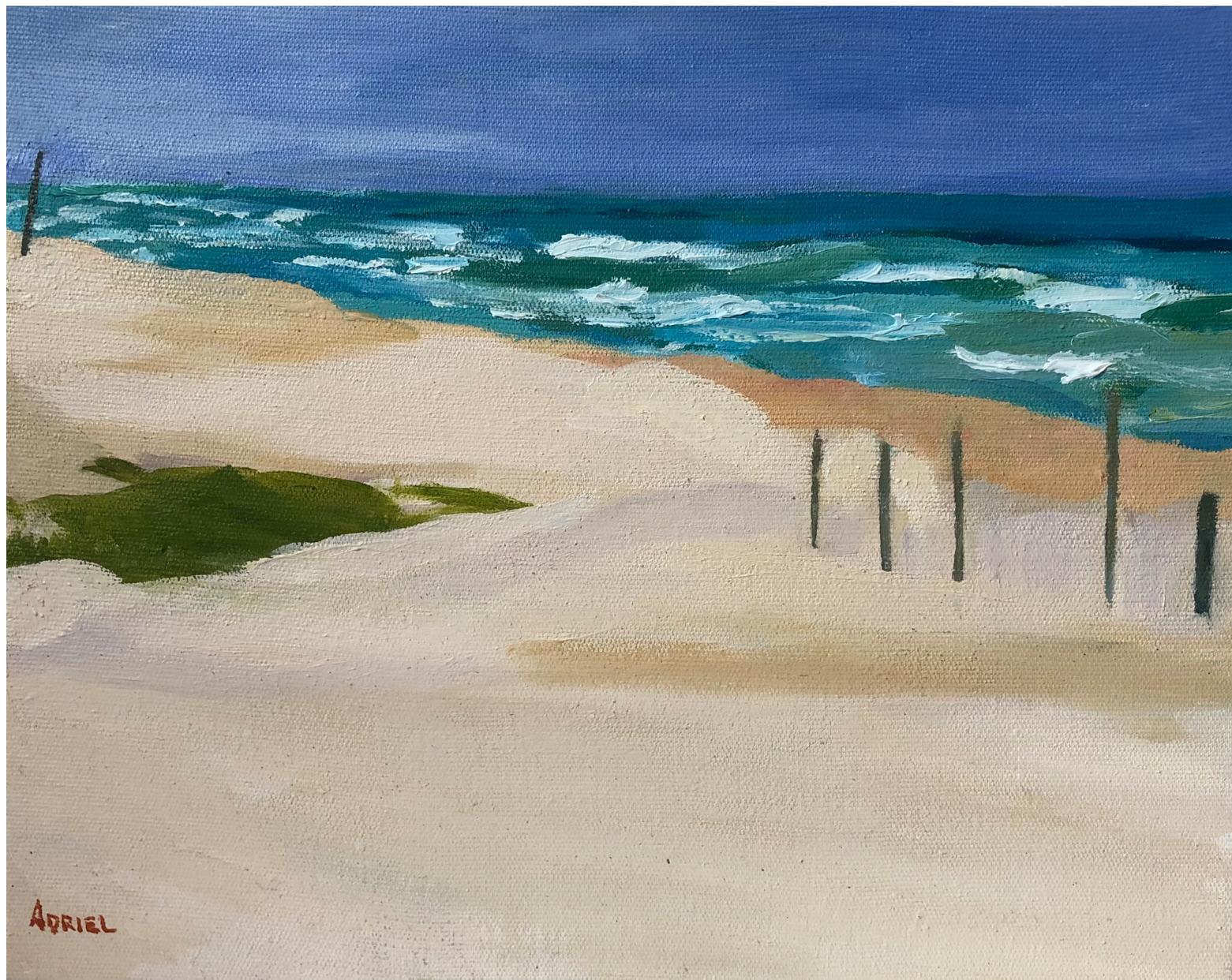
*Homem sarcástico  
(autorretrato sorrindo), 2020  
Óleo sobre tela*



*Perfil*, 2020  
Óleo sobre tela



*Primeiras impressões (autorretrato)*, 2020  
Óleo sobre tela



*Praia deserta, 2020*  
Óleo sobre tela

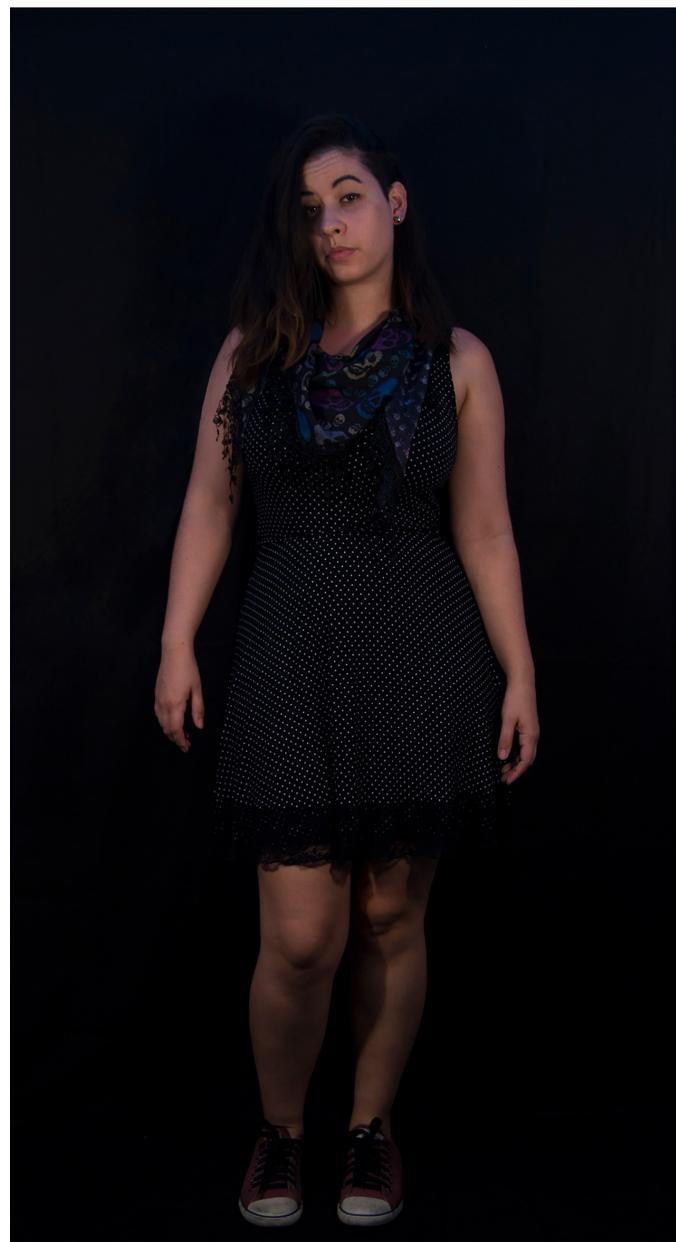
*Um lago entre dunas, à tarde, 2020*  
Óleo sobre tela



Mel Andrade



Série "Biografias imaginárias", 2013  
Fotografia e Desenho





SILVIA  
NAO KU



Mel

As fotografias em autorretrato são caracterizações baseadas em personagens que criei aos 12 anos de idade. Esses desenhos, feitos a lápis sobre papel, contêm no verso informações como nome, idade, local de residência, principais hábitos. Para a fotografia, atualizo as personagens, trazendo-as para o tempo presente. “Biografias Imaginárias” é estar em contato com minha infância, relacionando-me com desenhos que um dia criei. Performar essas figuras me traz a sensação de brincar novamente de faz de conta: aquilo que fica perdido entre verdade e invenção.

Mel Andrade



*Artista da fome*, 2018  
Performance

“Nas últimas décadas o interesse pelos artistas da fome diminuiu bastante. Se antes compensava promover, por conta própria, grandes apresentações desse gênero, hoje isso é completamente impossível”.  
O Artista da Fome, Kafka

Na performance “Artista da fome”, experimento o medo do outro e de mim mesma na situação de enjaulamento, por tempo determinado, sem me alimentar, exposta a pessoas desconhecidas. O trabalho é estimulado tanto pelo conto *O Artista da Fome*, de Kafka, quanto pelo workshop de Marina Abramovic, *Cleaning the House*, em que ela ensina a limpar corpo e mente por meio do jejum e da imobilidade física, ao “(...) não comer por cinco dias, não falar por cinco dias, não realizar nenhuma atividade física ou mental intensa.” (OBRIST, 2012, p. 199)\*.

No texto de Kafka, a fome está associada não só ao estado físico, mas também ao desejo e à ambição que se estabelecem ao ficar sem comer e beber por longo período. Nesse sentido, a prática do jejum parece alterar e potencializar a percepção de si, do outro e dos múltiplos arranjos no entorno.

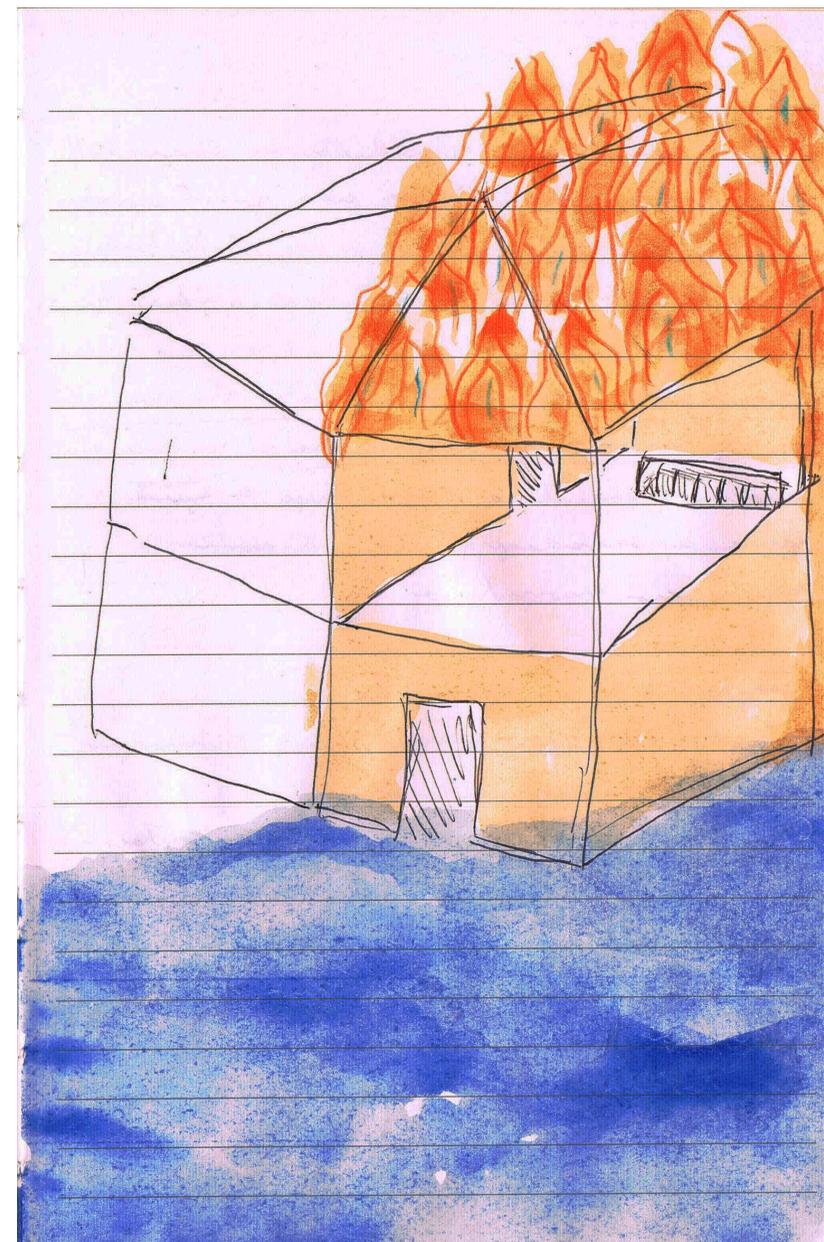
Mel Andrade

\*OBRITS, Hans-Ulrich. *Uma Breve História da Curadoria*. São Paulo: Bei, 2012



Série "Fogo", 2021  
Desenhos, foto e texto

A bela Adormecida





Naquele dia houve um beijo, um  
jogo de princesa e fogo na casa ao lado.  
Meu primeiro beijo foi uma missão de  
princesa, para acordar o homem que dor-  
mia sono profundo na cama da minha  
mãe. Era importante que tivesse o beijo,  
ele poderia morrer caso não fosse acordado  
pelo beijo da princesa.  
E logo depois o fogo começou.

Melissa Gurgel



*Volto por que te amo*, 2020  
Fotografia analógica



*Columinjuba, 2020*  
Fotografia analógica



*Uns constroem pontes, outros distância, 2020*  
Fotografia analógica



*Criação, 2019*  
Fotografia analógica



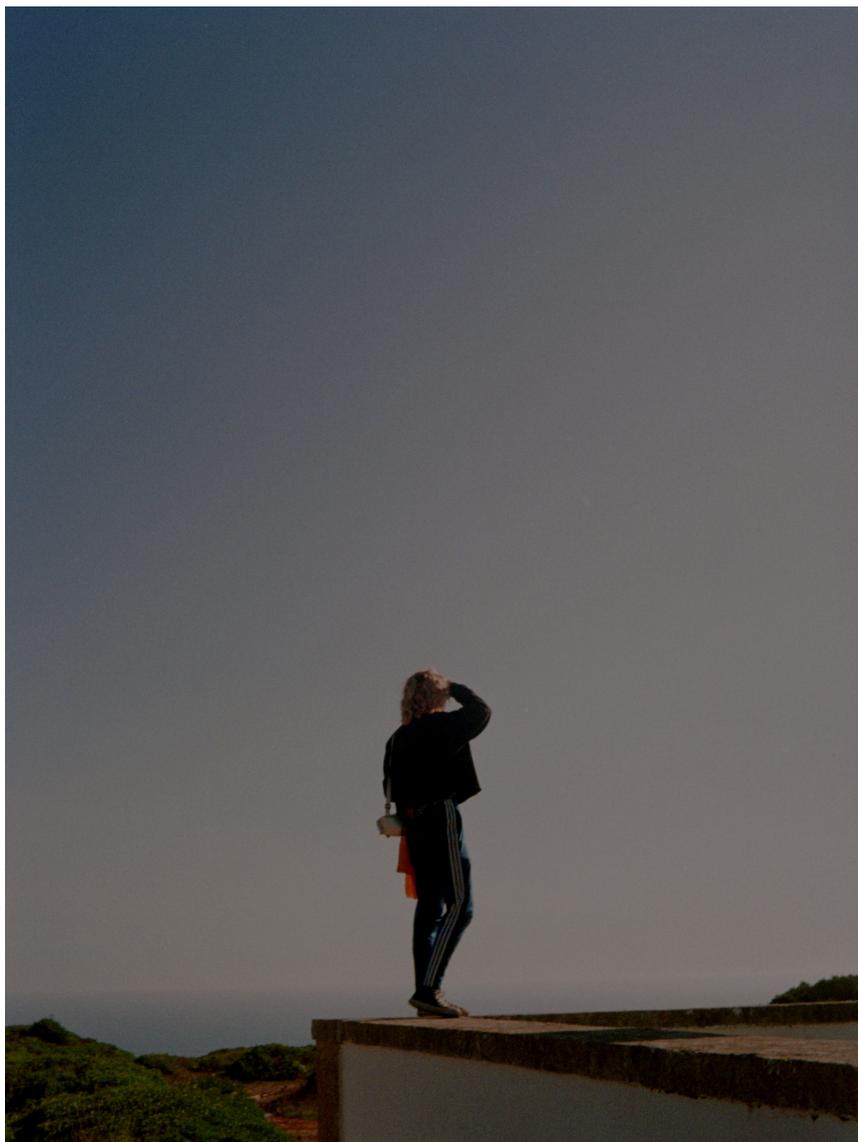
*Sombra do passado*, 2020  
Fotografia Analógica



Madalena, 2019  
Fotografia Analógica



Sempre chegamos ao sítio  
onde nos esperam, 2018  
Fotografia Analógica



*Vem coisa boa por aí,  
sonho todo dia coisa boa agora, 2020*  
Fotografia Analógica



*Situações perfeitas que no imagino as  
vezes acontecem, 2019*  
Fotografia Analógica



*Um grânulo de areia em um mar de gente, 2019*  
Fotografia analógica

Adriel Marinho é artista plástico. Trabalha com pintura a óleo. Retrata a si, a pessoas de sua convivência e paisagens cearenses, em especial as litorâneas. Em 2016, fundou o coletivo Muvuca, junto ao qual expôs seus trabalhos e organizou exposições independentes por dois anos. Participou do Salão de Abril Sequestrado em 2017.



Iago Barreto é arte-educador, artista e comunicador comunitário. Colabora com o Museu Indígena Tremembé desde 2014 e com a Escola de Cinema Indígena Jenipapo-Kanindé desde 2018. É curador da exposição “Nas aldeias: o cotidiano sob o olhar da juventude indígena do Ceará”, a primeira exposição multiétnica de fotógrafos indígenas do estado. Desde 2018 trabalha junto aos Anacé da Japuara fotografando o projeto Memórias da Retomada de São Sebastião e com o Cine Japuara.



Melissa Gurgel é pesquisadora, mestre em Economia e Meio Ambiente e imigrante nas artes. Sempre mora perto d'água. Sua pesquisa com a fotografia envolve afetos, vivências, partidas e relacionamentos. Já participou de algumas exposições coletivas. Busca criar narrativas cruzadas de um filme-vida, cheio de pedaços sobrepostos e amontoados por meio das ferramentas analógicas do registro fotografia. Vive entre Porto, Lisboa e Fortaleza.



Mel Andrade é artista visual, pesquisadora e arte-educadora. Mestranda no PPGARTES- UFC e licenciada em Artes Visuais, tem trabalhos em fotografia, audiovisual, performance e desenho nas relações com a memória, infância, autoficção, imaginação e ancestralidade. Ao pesquisar sobre a casa, foi investigando também a infância a partir da autoficção, da identidade, da construção de narrativas, da imaginação, utilizando arquivos da memória.

# Histórico de Exposições

2018

## NOVEMBRO - DEZEMBRO

*Arte em Cartaz – Design Gráfico e Fotografia nas Artes Cênicas*

Realização e Curadoria: Tim Oliveira

2019

## MARÇO - ABRIL

*Atadura* - Coletiva de colagens

Artistas: Clarisse Figueiredo, Camila Scarlazzari, Gabrielle Tavares, Raisa Christina e Rodrigo Colares

Curadoria: Raisa Christina e Clarisse Figueiredo

## ABRIL - MAIO

*As linhas do teu corpo* - coletiva de desenhos

Artistas: Daniel Chastinet, Flávia Rodrigues, Juliana Siebra, Raisa Christina e Simone Barreto

Curadoria: Raisa Christina

## JULHO - AGOSTO

*La Película de Chuy e Caju* - Individual de fotografia

Artista: Tiago Fontour

Curadoria: Bianca Ziegler e Raisa Christina

## NOVEMBRO - DEZEMBRO

*Os Pensamentos do Coração* - Coletiva

Artistas: Alice Dote, Anderson Moraes, Andréa Dall'Olio, Beatriz Gurgel, João Miguel Lima, Johta, Lana Benigno, Larissa Batalha, Rafaela Teixeira e Tim Oliveira.

Curadoria: Cecília Bedê, Nádia Sousa e Raisa Christina

2020

## GALERIA ABSURDA VIRTUAL

### MAIO

Artistas: Analice Diniz, Thadeu Dias e Felipe Kehdi

### JUNHO

Artistas: Juliana Siebra, Daniel Chastinet, Uinverso, Jamille Queiroz e Natália Marxx

### JULHO

Artistas: Tiago Fontour, Charles Lessa, Julia Debasse e Ícaro Lira

### AGOSTO

Artistas: Gabriel Cela, Rodrigo Colares, Taís Augusto, Faruk Segundo e Soupixo

### SETEMBRO

Naiana Magalhães, Diego Lucena, Diego Maia e Jabson Rodrigues.

2021

## JANEIRO - FEVEREIRO

*Ligar pontos luminosos no céu* - Coletiva Virtual

Artistas: Adriel Marinho, Iago Barreto, Mel Andrade e Melissa Gurgel

**CASA  
ABSURDA** **GALERIA  
ABSURDA**

PROJETO FOMENTADO COM RECURSOS DA  
LEI 14.017/2020 - LEI ALDIR BLANC - POR  
MEIO DA SECRETARIA MUNICIPAL DA  
CULTURA DE FORTALEZA



**Prefeitura de  
Fortaleza**  
Secretaria Municipal da Cultura  
de Fortaleza

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



**PÁTRIA AMADA  
BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL



Casa Absurda  
Rua Isac Meyer 108 - Aldeota  
CEP 60.160-200  
Fortaleza/CE  
[casaabsurda@gmail.com](mailto:casaabsurda@gmail.com)  
[facebook /casaabsurda](https://www.facebook.com/casaabsurda)  
[instagram @casaabsurda](https://www.instagram.com/casaabsurda)  
[www.casaabsurda.com](http://www.casaabsurda.com)